

ITINERÁRIO E PROJETO INTELECTUAL DE NELSON WERNECK SODRÉ: UM RECENSEAMENTO CRÍTICO

Eduardo Russo Ramos*

“Assisti as grandes transformações por que o Brasil passou neste século; as mudanças tem sido profundas, mal nos damos conta de quão profundas tem sido. E o mundo, então, nem se fala: somos, ao mesmo tempo, em épocas assim, contemporâneos do passado e do futuro. Como assisti a tudo com muita atenção e, no que diz respeito ao Brasil, com muita participação, suponho ter o que contar” (SODRÉ, 1970, p. 15).

O recorte proposto por nosso trabalho diz respeito ao primeiro segmento de nossa pesquisa de mestrado intitulada *Nelson Werneck Sodr e e a Coleção História Nova: relações intelectuais e brasilidade revolucionária* e desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Czajka no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Desta forma, traz uma discussão realizada na forma de uma revisão de literatura voltada para sistematizar e apresentar elementos e aspectos da trajetória de Nelson Werneck Sodr e que julgamos relevantes e ainda não devidamente aprofundados no atual estado das pesquisas sobre o autor. Portanto, procuramos articular uma exposição desta revisão com um segundo momento em que apontamos eixos, questões e lacunas nas pesquisas sobre este objeto – o itinerário e o projeto intelectual deste importante intelectual marxista brasileiro – visando contribuir para futuras pesquisas pormenorizadas.

Debruçar-se sobre a trajetória e obra de uma personagem histórica como Nelson Werneck Sodr e demanda, já de início, uma quantidade significativa de proleg menos. Não são sobre a justificativa de sua escolha como objeto de (re)apreciação sociológica, mas também sobre qual ângulo de apreciação parece ser necessário então situ -lo.

Antes de seu falecimento, em 1999, dois intelectuais de renome se dedicaram a analisar, mesmo que brevemente, a trajetória e a obra do historiador e, em suas respectivas análises, alertaram para questões semelhantes que afetavam a compreensão do significado de suas contribuições na história do pensamento brasileiro do século XX. Primeiro Leandro Konder, em 1990 no jornal carioca *Tribuna da Imprensa* – depois reunido e publicado em livro em 1991

* Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR e integrante do grupo de pesquisa *Cultura, Política e Movimentos Sociais na América Latina*, contemplado com bolsa do Programa de Demanda Social da CAPES. E-mail: ramos.eduardorusso@gmail.com.

–, visitando a riqueza das obras e debates que o historiador realizou, ressaltou a necessidade de emprendermos uma releitura com diálogo crítico de sua obra (1991, p. 78). Dois anos depois, José Paulo Netto, em prefácio à reedição da obra *O Naturalismo no Brasil*, do próprio Sodré, realizou uma exposição detalhada e interpretativa desta trajetória (1992). A perspicácia da análise realizada por NETTO neste ensaio explica o merecido reconhecimento que obteve em seguida nas empreitadas de resgate e estudo da obra de Sodré – momento que nos referiremos em seguida. Importa, entretanto, destacar que ambos os ensaios alertavam para um elemento da trajetória do autor que deve ser sempre lembrado, pois além de revelar momentos de seu itinerário, também nos auxilia a compreender sua posição marginal nos estudos sobre pensamento social e político no Brasil: o ostracismo acadêmico a que foi submetido nas décadas de 1970 e 1980.

Enquanto Konder alertou para os ataques que as teses e o próprio autor sofreram da parte do uspiano Carlos Guilherme Mota em sua obra *Ideologia da Cultura Brasileira*, de 1977, NETTO foi mais incisivo ao referir-se ao fenômeno:

O fato é que, nos quintais universitários, Sodré e sua obra são sumariamente fuzilados como “ortodoxos”, “esquemáticos”, “mecanicistas” – sem que se conheçam estudos rigorosos que se ocupem da comprovação de tão inapeláveis julgamentos. Na verdade, o que se vem construindo em torno da obra de Sodré, nos últimos três lustros, é uma *muralha de preconceitos* que assombra: tanto menos se a examina com os cuidados habituais da crítica séria, tanto mais se difundem juízos que a desqualificam (1992, p. 27).

Mesmo sofrendo as consequências desta *muralha de preconceitos*, Sodré foi um intelectual irrefreável: sua última publicação em livro data de um ano antes de sua morte. Entretanto, tendo passado por um processo de intensa deslegitimação e desautorização no novo cenário intelectual que se abriu a partir da década de 1970, os estudos sobre sua obra tardaram em aparecer.

Esforços pontuais e, por vezes, descontínuos, marcaram as iniciativas e produções que tomaram sua obra e trajetória intelectual como objeto nos anos que se seguiram a sua morte em janeiro de 1999. Os primeiros estudos que encontramos foram os de Virgílio Roma de Oliveira Filho, ainda em 1999, com o título *Dualidade e revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré*, e o de André Moisés Gaio, de 2000, com título *Uma teoria da independência: história e revolução em Nelson Werneck Sodré*. Em seguida, uma publicação de 2001 organizada pelo professor Marcos Silva trouxe 13 artigos oriundos de um simpósio realizado em outubro de 1999 e ofereceu um intrigante panorama de questões e debates sobre a trajetória e o pensamento do historiador carioca (SILVA, 2001). Do mesmo ano é a tese de um dos pesquisadores que se tornou referência obrigatória nos estudos sobre as

relações entre militares e política no Brasil, Paulo Ribeiro da Cunha. Analisando a trajetória de Sodré durante as décadas de 1930 e 1940, buscou compreender os aspectos da formação de seu pensamento marxista até o momento de seu ingresso nas fileiras do então Partido Comunista do Brasil (PCB) – lembrando que é somente em 1961 que o antigo “Partidão” se tornaria Partido Comunista Brasileiro, em virtude da cisão que deu origem ao atual Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (RIDENTI, 2010, p. 57). O trabalho de Paulo Ribeiro da Cunha foi publicado um ano depois pela Editora Revan sob o título *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré* ([2002] 2011). Do mesmo autor, em coautoria com Fátima Cabral, foi publicado em 2006 uma coletânea de 21 textos, entre depoimentos e artigos oriundos de um evento científico realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho no campus de Marília, sobre a “dupla vocação” de Sodré – expressão de NETTO (1992, p. 9) operacionalizada por CUNHA (2011, p. 17) em sua tese – com o título *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena* ([2006] 2011).

Em seguida, a publicação organizada pelo professor Marcos Silva do *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré*, no ano de 2008, trouxe o impressionante número de 83 autores apresentando verbetes dedicados à bibliografia de Sodré. Decerto ciente do apelo à releitura com diálogo crítico sustentado por KONDER (1991, p. 78) na década anterior, o organizador constou na introdução a seguinte direção dos trabalhos:

Escrever um *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodré* não significa aderir às teses desse autor, e sim refletir sobre o que ele produziu e sobre o que se pensou desde então a respeito de diferentes temas e problemáticas – a partir dele, contra ele, até apesar dele (SILVA, 2008, p. 14).

Demonstraremos ao longo de nossa exposição a série de lacunas que a pesquisa sobre Sodré ainda apresenta, mas é necessário reconhecer que o trabalho seminal destes idealizadores rendeu frutos. Nas últimas duas décadas uma série de artigos vem trabalhando diferentes dimensões de sua vida e obra, versando desde a sua escrita autobiográfica (MUNIZ JUNIOR; SILVA, 2019), passando pela sua importância para os estudos geográficos (MARTINS; ANSELMO, 2011) até o campo da comunicação (RIBEIRO, 2015), para citar uma breve fração. Algumas monografias, dissertações e teses foram realizadas sobre aspectos de seu pensamento e/ou trajetória e serão analisadas no decorrer do nosso debate. Cito as duas mais recentes encontradas, de Ulisses Rubio Urbano da Silva, com título *A questão nacional no Brasil entre 1954 e 1964: perspectivas de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré* (SILVA, 2018), e de Vanessa Clemente Cardoso, com título *A história do ensino de história e a formação da elite*

intelectual brasileira: uma análise a partir da História Nova do Brasil (1963-1965) (CARDOSO, 2019).

Entretanto, observamos que levando em consideração a posição de Sodré nos debates e combates das ricas décadas de 1950 e 1960, este estado da arte pode ser significativamente ampliado se levarmos em consideração as pesquisas que têm tomado por objeto o pensamento social e político, a trajetória dos grupos culturais e políticos e as instituições que marcaram o período. Desta forma teríamos quatro décadas de produção que, de formas diferentes, tangenciam, mesmo que minimamente, elementos do pensamento e da trajetória de Sodré. Apesar desta vasta produção, é importante ressaltar que a leitura dos trabalhos da primeira década do nosso século evidencia que parte dessa produção ainda é muito caudatária da campanha crítica, da *muralha de preconceitos*, que foi lançada e erguida diante do historiador. Cumpre, portanto, acompanhar parte deste percurso polêmico.

Abrindo a coletânea que organizou em 2001, Marcos Silva sintetiza parte desta campanha demonstrando que a formação de uma tradição intelectual predominantemente acadêmica concentrada em São Paulo durante a década de 1970 avaliou o lugar de Sodré na tradição historiográfica brasileira de forma muito negativa (SILVA, 2001, p. 10). Os trabalhos de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1972; 1984), Carlos Guilherme Mota (1977), Giselda Mota (1986), Marilena Chauí (1978; 1983) e Caio Navarro de Toledo (1977) se destacam neste projeto.¹ De acordo com SILVA,

Desde então, Sodré continuou a ser uma referência para muitos campos temáticos da pesquisa universitária (imprensa, militares, literatura), englobando diferenças críticas, sem que a discussão sistemática sobre sua obra tenha merecido uma revitalização. Pelo contrário, a tendência ao silenciamento sobre esse trabalho sugere que seu autor foi excluído de qualquer horizonte historiográfico, apesar de alguns de seus textos serem mantidos como indicação para muitos debates, inclusive, pela necessidade de serem refutados a partir de outras problemáticas (2001, p. 11).

O interessante destes trabalhos é que, apesar de não tomarem a obra de Sodré como objeto primário de suas pesquisas, procederam a uma avaliação e desautorização do seu legado através de pesquisas que versaram, principalmente, sobre a experiência intelectual do extinto Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), das interpretações e atuação política e cultural

¹ Para facilitar sua busca pelos pesquisadores interessados no debate, segue a referência reunida e integral destes trabalhos: FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: IEB, 1972; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. O tempo das ilusões. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977; MOTA, Giselda. *Historiografia. Bibliografia. Documentos*. In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822 – Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986; CHAUÍ, Marilena. *Seminários*. São Paulo: Brasiliense, 1983; CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.

do PCB ao longo da década de 1950 e sobre o fracasso das esquerdas diante do golpe civil-militar de 1964. Ou seja, o elemento em comum destas obras é a análise crítica da formação social brasileira no período que marca o lustro de democracia da nossa vida política e cultural que vai de 1945 à 1964. Assim, observando as análises de Marcelo RIDENTI (2003, p. 206) e de Angela de Castro GOMES (2010, p. 27), é possível reconhecer que estes trabalhos acompanham uma apreciação crítica do período iniciada ainda na década de 1960 centrada na investigação sobre a “experiência populista” ou o “populismo” (neste sentido, os trabalhos de Octavio IANNI (1968) e Francisco WEFFORT (1978), uspianos e alunos de Florestan Fernandes, ocuparam papel central nesta agenda). Apesar de ultrapassar nosso objeto de pesquisa, esses elementos são fundamentais para compreendermos a aludida *muralha de preconceitos* com que nos deparamos ao estudar a obra e a trajetória de Sodré.

Em determinado sentido, para revisitar a obra de Sodré parece imprescindível localizar a posição destes intelectuais e ler criticamente o desenvolvimento de suas análises. Em relação à experiência do ISEB, destacamos o esforço de autores como Alexsandro Eugenio PEREIRA (1998; 2002), Luiz Eduardo Pereira MOTTA (2000) e Edison BARIANI JUNIOR (2008) por trazerem novas angulações sobre o tema, questionando e por vezes rompendo com os moldes explicativos consolidados pela crítica uspiana das décadas de 1970 e 1980.

Portanto, compreendemos que se faz necessário um procedimento de reposicionamento analítico e metodológico capaz de identificar aspectos e elementos da trajetória do historiador carioca que não se circunscrevam nos limites evidentes destas abordagens “clássicas” do pensamento e intelectualidade brasileira do período vivido pelo autor. Em nossa leitura, a pesquisa sobre Sodré permite-nos visualizar e abrir um leque de questões importantes de nossa história intelectual que ainda demandam interpretação sociológica. Nesse sentido, procederemos a uma análise de sua trajetória biográfica para identificar e apresentar os pontos que enformam a nossa proposta de contribuição para as futuras pesquisas sobre o autor e sobre a formação da intelectualidade marxista brasileira do século XX, em especial sobre esta formação no interior da atmosfera política e cultural dos anos 1950 e 1960.

Apontamentos para o estudo da trajetória de nelson werneck sodré

Nelson Werneck Sodré, nascido no Rio de Janeiro, no dia 27 de abril de 1911, filho único do advogado Heitor de Abreu Sodré e Amélia Werneck Sodré, foi “uma das figuras mais importantes da cultura brasileira do século XX” (NETTO, 2011, p. 10). Apresentando desde cedo grande interesse e vocação pelas letras, aos 13 anos, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, começou a colaborar com textos de ficção para a revista *A aspiração*, pertencente à sociedade

literária da instituição (Ibidem, p. 15). Já aos 18 anos, estreou na imprensa com o conto “Satânia”, premiado e publicado na revista carioca *O Cruzeiro* (Idem). Em 1931, completando 20 anos, ingressou na Escola Militar de Realengo, optando pela artilharia, e esse momento marca o início de uma trajetória pessoal que combinará ao longo de sua vida a vocação intelectual com a vocação militar (Ibidem, p. 14). Nos anos que se seguem ao início dessa formação na oficialidade do Exército, Sodré continuou sua colaboração na imprensa e produziu sua primeira obra, *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*, publicada no ano de 1938. Conforme a análise realizada por NETTO, seu caráter pioneiro no âmbito de uma abordagem global da nossa história literária numa perspectiva marxista e a interpretação do Brasil ali inscrita – mesmo que ainda de caráter incipiente e que será depois revisado pelo próprio autor na década de 60 –, assegura o lugar de Sodré ao lado de outros intérpretes do Brasil do período como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda (1992, p. 37; ALVES FILHO, 1998, p. 9).

Entre tantos deslocamentos e transferências realizadas por conta da carreira militar, Sodré estreitou os laços com os meios intelectuais e passou a colaborar tanto com a imprensa paulista quanto com a carioca. Neste período, integrou a chapa vitoriosa da eleição de 1950 para a direção do Clube Militar – chapa nacionalista que encabeçava a campanha *O petróleo é nosso* – e assumiu a Direção Cultural do Clube. Como indica NETTO, os desdobramentos desse período contribuíram de forma significativa para a definição do perfil político e intelectual de Sodré (2011, p. 17). Alvo da perseguição da chapa vencida, Sodré foi transferido em 1951 para uma unidade militar do Rio Grande do Sul de onde só retornaria no ano de 1955, que marca também seu ingresso nas cadeiras do ISEB. Marcando um momento de intenso engajamento político-intelectual, foi neste período que Sodré produziu boa parte de suas intervenções mais significativas no campo da historiografia e da tradição marxista brasileira. Como destaca NETTO:

(...) no Iseb, Sodré encontrou, num ambiente de estudos e pesquisas, condições para avançar em suas formulações e em seu magistério, interagindo com pensadores de posições teóricas e ideológicas muito diferenciadas e com um público com o qual ele nunca contactara antes. Se já era um intelectual respeitado quando o convidaram para atuar no Iseb, parece-nos que é ali que alcançará (na altura em que chegava aos seus 50 anos) a maturidade teórica que lhe permitirá conquistar a indiscutível audiência nacional que sua obra obterá na década de 1960 (Ibidem, p. 35-36).

Aproximando-se de 1964, Sodré, que já se encontrava na reserva como General de Brigada, coordenou a produção da obra coletiva *História Nova*, fruto de um trabalho realizado com estagiários escolhidos das cadeiras da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Rio de Janeiro, sua última contribuição enquanto professor do ISEB. A coleção

representou uma crítica da historiografia tradicional mediante a realização de pesquisas monográficas voltadas para o ensino da história no Ensino Médio como alternativas aos compêndios didáticos do período (MENDONÇA, 2011, p. 335-337). Considerada “subversiva”, foi apreendida nas livrarias logo após o golpe civil-militar de 1964, seu projeto editorial foi suspenso e instaurado um Inquérito Policial-Militar para investigar as ações subversivas de seus autores (CZAJKA, 2012, p. 301).

O golpe civil-militar marcou ainda a extinção e depredação do ISEB, a perseguição e prisão de seus professores, estagiários e estudantes, inclusive Sodré (PEREIRA, 2005, p. 259-260). Do impacto do golpe no cerne das esquerdas e dos movimentos sociais, é importante destacar com Rodrigo CZAJKA que este produziu uma rearticulação das tendências políticas e ideológicas de esquerda em torno de um novo objetivo: “o restabelecimento do processo democrático.” (2014, p. 103-104). Intelectual de envergadura, engajado e militante, Sodré não passou ao largo deste processo.

Como destaca CUNHA:

Na fase subsequente ao golpe militar, sua intervenção política e teórica continuou de várias formas, mas foi particularmente intensa e aguda após o advento do AI-5, em 1968, quando o autor continuou escrevendo artigos (muitas vezes sob pseudônimo) e livros, procurando intervir de várias maneiras na luta pelo restabelecimento da democracia; e, ao longo daqueles anos, Sodré foi uma referência ao radicalismo e ao aventureirismo pequeno-burguês que caracterizavam as iniciativas armadas de parcelas da esquerda brasileira na luta contra a ditadura militar. Foi igualmente um período de quase ostracismo em alguns importantes círculos acadêmicos, embora, como autor, tivesse, nesta fase, singular e profícua produção teórica (2011a, p. 100).

Nos últimos anos de vida Sodré continuou produzindo e contribuindo com a imprensa. No ano de 1995, publicou sua última obra, *A farsa do neoliberalismo*; e em 1998, uma última reunião de artigos inéditos e publicados na imprensa entre as décadas de 1940 e 1990 (SODRÉ; ALVES FILHO, 1998). Falecido em janeiro de 1999, autor de 56 livros e de cerca de três mil artigos, o itinerário da formação intelectual de Sodré retrata a trajetória de um intelectual engajado com as lutas de seu tempo, dotado de uma profunda capacidade crítica (e autocrítica, basta consultar as anotações de NETTO sobre as revisões e correções que o autor realizou em suas obras ao longo da vida (1992, passim)) e uma das figuras mais relevantes no processo de desenvolvimento de nossa tradição marxista. Reforçando esta perspectiva, João Quartim de MORAES destaca que:

Não há interpretação marxista no Brasil de maior peso histórico que a legada por Sodré em mais de sessenta anos de militância intelectual. Poucas tiveram tanta repercussão e suscitaram tantas polêmicas. Sua obra, com efeito, oferece a expressão teórica mais elaborada do programa nacional-democrático da revolução brasileira, que suscitou as lutas e os debates mais importantes da esquerda, ao longo do século XX, principalmente, mas não somente, a dos comunistas. Tanto assim que os temas conexos da democracia, do desenvolvimento autônomo da economia nacional e da

reforma agrária permanecem no centro de toda e qualquer visão crítica e transformadora da sociedade brasileira (2001, p. 28).

A despeito da *muralha de preconceitos*, João Alberto da Costa PINTO fez questão de ressaltar que a interpretação marxista de Sodré, longe de ser operacionalizada como uma ortodoxia, trouxe uma perspectiva heterodoxa sobre o processo histórico brasileiro (2001, p. 56). No mesmo sentido, NETTO argumentou e demonstrou que parte do pioneirismo da perspectiva marxista do autor residia na importância que imputava às “representações e projeções ídeo-políticas e culturais” (1992, p. 31). Rompendo com uma tendência da tradição historiográfica marxista de seu tempo que tomava as expressões artístico-culturais como tangenciais ou ilustrativas, o historiador carioca dedicou extensos estudos às expressões políticas, sociais e culturais que certo jargão marxista circunscreveria como “manifestações superestruturais” (Ibidem, p. 30-31).

Sua militância comunista a partir da década de 1940 abre questões ainda inconclusas no que diz respeito à compreensão de sua interpretação marxista heterodoxa. Tratando-se de um tema não diretamente abordado pelas pesquisas sobre sua trajetória, cumpre aqui apontar uma divergência entre importantes analistas. De um lado, representando a já aludida tradição acadêmica da década de 1970, Caio Navarro de TOLEDO argumenta que em Sodré há uma defesa intransigente da linha política do PCB (2001, p. 53); já CUNHA, especialista na obra e trajetória do historiador, observa que “vincular as teses de Sodré às teses que se vinculam ao PCB é um equívoco.” (2011a, p. 91).

Outro apontamento relevante pode ser encontrado ao abrirmos a questão de sua passagem e participação pelo ISEB. Como já citado, NETTO sustenta que os acontecimentos do início da década de 1950 contribuíram significativamente para a definição do perfil político e intelectual de Sodré (2011, p. 17). Significaram o início e o fim do “exílio interno” que passou em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, entre 1951 e 1954, e o início de um longo período em que residirá no Rio de Janeiro, cidade a que retorna em 1955, para lecionar no ISEB. Em suas memórias, relatando seu retorno ao Rio de Janeiro, o autor destacou que o ponto positivo do isolamento sulino, do ponto de vista da cultura, foi o “afastamento da agitação, e particularmente da agitação política, o sossego que permitia a meditação, os estudos, a preparação dos trabalhos intelectuais.” (SODRÉ, 1990, p. 132). Aludindo à sua relação com o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos e sua aproximação ao Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) – que viria a se tornar o já aludido ISEB –, Sodré relata:

Fora do Rio, não participava de outras atividades do IBESP [Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política], e nem mesmo conhecia outros de seus elementos,

que não Guerreiro Ramos. As coisas mudaram, entretanto, desde que voltei ao Rio para ficar, desde que, pessoalmente, comecei a pronunciar as minhas conferências, desde que comecei a frequentar as reuniões do grupo, agora constituído em torno do ISEB (Ibidem, p. 168).

Outro elemento que aponta a riqueza deste período em sua trajetória é sua produção bibliográfica. Para além da quantidade de obras, são deste período e dos anos seguintes suas obras mais estudadas e discutidas: a *Introdução à revolução brasileira* (1958); a revisão e reedição da obra *História da literatura brasileira* ([1ª edição de 1938] [3ª edição revista e ampliada em 1960] 1964); a *Formação histórica do Brasil* (1962); a coleção *História Nova* (SANTOS, et. al., [1963] 1993); a *História da burguesia brasileira* (1964); a *História militar do Brasil* (1965); entre outras que marcaram os debates travados neste conturbado período.

Levando em consideração esta produção, PINTO propõe uma periodização que atenta às particularidades desta trajetória. Para o autor, a produção de Sodré pode ser pensada em dois momentos cronológicos distintos: o primeiro, de 1938 à 1945; e o segundo, de 1958 à 1964 (2011b, p. 152). Segundo o analista:

Os trabalhos publicados após 1964, na sua maioria, reafirmam conceitualmente as teses do segundo período. Inicialmente, pode-se afirmar que o substrato essencial do pensamento e da intervenção política do historiador carioca dá-se com a produção acontecida na conjuntura de 1958-1964, momento em que revisa e em parte abandona conceitualmente a sua produção anterior, quando se consagra como professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Quase toda a produção desse período nasceu de trabalhos apresentados no ISEB (1956-1964) (Ibidem, p. 152-153).

O ano de 1958 é significativamente importante para pensarmos o nosso recorte analítico. Neste sentido, visualizamos 3 elementos que devem ser observados para justificá-lo.

Em relação à sua produção bibliográfica, NETTO demonstra que no período de 1945 à 1958 Sodré publicou somente 4 obras, todas de circulação restrita (1992, p. 22-23). Segundo o autor, este relativo silêncio de 13 anos pode ser entendido como um momento de reflexão, elaboração e reelaboração teórica que tem relação com a própria experiência política da sociedade brasileira na abertura democrática que se realiza após o fim do Estado Novo (Ibidem, p. 22). Ainda, registra uma inflexão em sua trajetória, pela proximidade que alcançou com os círculos intelectuais e movimentos sociais que compunham o ambiente carioca da década de 1950. Para NETTO:

É o período, em suma, em que o estudioso da história do Brasil pode reformular as bases e os objetivos da sua pesquisa: a construção de uma compreensão abrangente da história brasileira a partir de uma posição política fundada na perspectiva da revolução (Ibidem, p. 23).

Entretanto, é preciso constar que este relativo silêncio do período pode ser tensionado se observarmos que se trata de um momento em que verificamos uma série de eventos não

menos importantes de sua trajetória: foi nomeado professor da disciplina História Militar na Escola de Estado-Maior no Rio de Janeiro, no ano de 1948 (CUNHA, 2013, p. 210); integrou a chapa nacionalista e vitoriosa nas eleições para o Clube Militar de 1950, ligada à campanha *O Petróleo é nosso* (Ibidem, p. 213); dirigiu, naquela instituição, entre 1950 e 1951, seu Departamento Cultural e, conseqüentemente, a então prestigiosa *Revista do Clube Militar* (Ibidem, p. 218).

Ainda, segundo a hipótese de CUNHA, foi no âmbito da docência na Escola de Estado-Maior que o historiador teve contato com a obra do marxista húngaro György Lukács (2011, p. 243-245). Importante leitor e difusor da obra de Lukács no Brasil, KONDER sustentou, em seu ensaio sobre Sodré, que a utilização das teorias do marxista húngaro na refundição da obra *História da literatura brasileira* em 1960 aponta para o pioneirismo do historiador em nossa tradição marxista (1991, p. 76). Tudo indica, portanto, que a semente deste pioneirismo reside neste período.

Assim, podemos compreender 1958 como uma espécie de reinauguração de sua produção e intervenção intelectual, momento inclusive em que volta a publicar em editoras de grande circulação (a obra *Introdução à revolução brasileira* foi publicada pela Editora José Olympio).

O segundo elemento a ser observado sobre o ano de 1958 reside na própria trajetória institucional do ISEB. Fundado em 14 de julho de 1955 pelo governo de João Café Filho, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros foi uma instituição pública de caráter universitário vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (PEREIRA, 2005, p. 253). Sua origem remonta às atividades do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), fundado em 1952, instituição oriunda dos encontros mensais de um conjunto de intelectuais paulistas e cariocas que viriam a ser conhecidos como o “Grupo de Itatiaia”, pois se encontravam no Parque Nacional do Itatiaia em espaço cedido através de negociações diretas de alguns de seus representantes com integrantes do segundo governo Vargas (1951-1954) (Ibidem, p. 254). Entre 1953 e 1956, o grupo foi responsável pela publicação da revista *Cadernos do Nosso Tempo*, responsável por alimentar um debate público sobre as formas de superação das condições de atraso econômico que diagnosticavam na realidade brasileira (Idem). Entre publicações, debates e cursos, a história do instituto é relativamente tranquila até a crise institucional ocorrida em 1958 decorrente de um embate entre dois de seus fundadores, Alberto Guerreiro Ramos e Hélio Jaguaribe. A discordância de Guerreiro Ramos em relação às teses de Jaguaribe publicadas naquele ano no livro *O nacionalismo na atualidade brasileira*, em que este defendia o recurso ao capital estrangeiro e a privatização do setor petroquímico nacional como

alternativas para o desenvolvimento brasileiro, gerou uma instabilidade que ultrapassou as paredes da instituição e causou uma ruptura em que ambos pediram demissão, levando consigo parte de seus adeptos (Ibidem, p. 257-258). Como documentou SODRÉ, nesta crise, saíram da instituição, além de Guerreiro Ramos e Jaguaribe: Roberto Campos, Anísio Teixeira, Hélio Cabal e Ewaldo Correia Lima (1986, p. 39). Com a saída de Jaguaribe, titular da cadeira de Ciência Política, o professor Cândido Antônio Mendes, então titular da cadeira de História, passou a lecionar na cadeira vaga e Sodré passou a ser o titular da cadeira de História (Idem). Esta recomposição institucional ainda seria afetada por outras crises, mas PINTO destaca, por exemplo, que se em 1958 o nosso historiador lecionou 22 sessões de aulas e coordenou 3 seminários, no ano de 1959 o número passaria para 53 sessões de aula e 4 seminários (2011b, p. 157). Portanto, mais do que uma crise institucional, as consequências da ruptura de 1958 levaram também a um reposicionamento do historiador nos quadros da instituição.

O terceiro fator que gostaríamos de destacar diz respeito a outra inflexão, esta ocorrida no cerne da orientação política do PCB, que veio a afetar tanto o desenvolvimento de nossa tradição marxista quanto o cenário político-cultural dos anos que antecederam o golpe de 1964; nos referimos à *Declaração sobre a política do PCB* de março de 1958. De acordo com Antônio Albino Canelas RUBIM:

A crise aberta no PCB, no ano de 1956, em consequência da denúncia dos crimes de Stalin efetuada por Krushev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e do desenvolvimento político-cultural da sociedade brasileira na década de 1950, permite uma ruptura do (quase) monopólio e o surgimento de inúmeros polos de irradiação do(s) marxismo(s), cada vez mais plural, no Brasil (2007, p. 374).

Nesta linha de argumentação e problematizando os reflexos da *Declaração*, Celso FREDERICO ressalta o fato de que esta marcou tanto o abandono de uma orientação política sectária quanto a saída de um isolamento, o que viabilizou a presença dos comunistas no âmbito da agitação político-cultural dos anos que se seguiram (2007, p. 338-340). Sob os auspícios desta reconfiguração da linha partidária, o partido lançou o semanário *Novos Rumos* e a revista *Estudos Sociais*, esta dirigida por Astrojildo Pereira (ARIAS, 2003, p. 49; SANTANA; SILVA, 2007, p. 124).

Intimamente próximo ao PCB desde os anos de 1943 e 1944 (CUNHA, p. 209-210), Sodré não somente participou em edições da nova revista nas edições de número 14, 17 e 18,²

² Para uma consulta integral aos números, índices e conteúdos da Revista *Estudos Sociais*, conferir: ARIAS, Santiane. *A revista Estudos Sociais e a experiência de um "marxismo criador"*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, p. 187, 2003.

como também inauguraria, ao lado de Jacob Gorender, no ano de 1963, o “Centro de Estudos Sociais” – inauguração anunciada em seu 15º número, em 1962:

Inicialmente o CES patrocinará, em janeiro de 1963, uma série de palestras de Jacob Gorender, sobre o tema: ‘O marxismo como filosofia humanista de nosso tempo’. Em seguida, estão previstas outras séries de conferências entre as quais uma, de Nelson Werneck Sodré, sobre ‘Evolução histórica do Brasil’; o CES promoverá também um curso introdutório, de quatro palestras para cada departamento. No próximo número desta Revista, daremos melhores informações sobre estas e outras atividades do CES (ESTUDOS SOCIAIS, n. 15, 1962, p. 319).

Conforme ARIAS, o projeto do CES nunca se concretizou: “A presidência seria dada a Nelson Werneck Sodré. Mas o instituto acabou na primeira reunião, durante a definição de sua linha política.” (2003, p. 72). Conclusão extraída de uma série de entrevistas realizadas com Leandro Konder, Jorge Miglioli, Jacob Gorender e o próprio Sodré, a autora ainda identifica a ausência de menções ao CES após esta nota de 1962 (Idem). No entanto, ao consultar o acervo de Sodré na plataforma do Acervo Digital da Biblioteca Nacional, nos deparamos com uma entrevista do autor na data de 17/10/1963 para o jornal *Última Hora* de São Paulo intitulada “Nelson Werneck Sodré fala sobre as origens do ISEB” onde consta a seguinte informação:

O historiador Nelson Werneck Sodré, encontra-se em São Paulo, a convite do Centro de Estudos Sociais, para proferir, na Biblioteca Municipal, uma série de palestras a respeito de assuntos de sua especialidade: a revisão da formação histórica nacional dentro de uma análise da Civilização Brasileira. Membro do ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Werneck Sodré nos oferece uma análise das origens desse organismo, que desempenha hoje, um papel relevante na vida cultural do País (NELSON..., 17 out. 1963).

Posterior ao ano de 1962, marco referido pela pesquisadora como desaparecimento tanto das menções como do próprio projeto do CES por conta de informação prestada por Miglioli acerca de uma decisão partidária trazida por Gorender em reunião sobre o caráter do Centro (ARIAS, 2003, p. 72), a matéria não somente refere-se à uma atividade do CES no ano de 1963, mas traz ainda a percepção de Sodré, onde o autor refere-se à pertinência histórica e cultural do Centro. A citação é longa, mas vale a leitura pela forma como expressa as lutas e debates do período:

“O Centro de Estudos Sociais é outro sintoma das transformações políticas, sociais e culturais que atravessa o País. A existência do CES está justificada pela necessidade que as pessoas têm de se reunir, de pesquisar, de debater todos os problemas que o Brasil apresenta hoje. Essa necessidade decorre, não apenas das exigências da realidade, mas também do fato de que o aparelho institucional destinado às tarefas da cultura, que é o universitário, dá mostras de sua incapacidade para realizar essas tarefas. Surgem então instituições do tipo do CES, que se propõem a realizá-las. Essa necessidade de iniciativas, que suprem a ausência de órgãos específicos, no caso a Universidade, é outro reflexo da vida brasileira, e ocorre também na vida política, no sentido partidário. Os partidos tornam-se incapazes de conduzir a luta política, ela é então conduzida por organizações não partidárias, como as estudantis, sindicais, as Forças Armadas, a Igreja, que hoje são muito mais importantes, na vida política, que

os próprios partidos. O CES tende a desempenhar, na vida cultural, uma tarefa muito importante, especialmente pela sua ampla liberdade de investigação, pelo fato de que não depende de organizações hierárquicas, não tendo nenhum compromisso com o passado, para justamente poder se vincular às grandes lutas que o povo brasileiro está travando”. (NELSON..., 17 out. 1963).

Assim, o tema da revista *Estudos Sociais* e seu *Centro de Estudos Sociais* – como demonstrado, ainda pouco investigado, tendo em vista as informações encontradas – nos ajuda a ilustrar a posição e a participação do autor neste novo cenário político e cultural aberto pela reorientação do PCB diante das lutas do período; ainda, a percepção que Sodré imprimiu no trecho acima aponta para certas ambiguidades do autor em relação à vida partidária na política brasileira, mas também revela o campo de preocupações que esteve no fundamento de sua experiência intelectual do período: a chamada do artigo refere-se à revisão da formação histórica nacional e o trecho de sua autoria traz, entre outras, a questão do problema da Universidade e seus limites – ambos temas que trabalharemos dentro do recorte que propomos nesta pesquisa.

Outro dado relevante: se o ano de 1958 parece ter significado na trajetória e obra de Sodré o tempo de uma espécie de reinauguração de seu trabalho intelectual, o ano de 1962 parece representar uma intensificação deste processo. Como destacou Regina Hippolito, no final do ano de 1961, após conturbada negociação, o historiador conseguiu definitivamente efetivar sua transferência para a reserva, sendo reformado no posto de General de Brigada (HIPPOLITO, 2011, p. 207). A partir de 1962 sua dedicação ao trabalho intelectual e militante foi exclusiva; ilustra estas coordenadas o fato de que já no ano de 1963 somou-se ao grupo de membros-fundadores do Comando de Trabalhadores Intelectuais (CTI) (CZAJKA, 2011, p. 63).

Considerações finais

Como parte de uma pesquisa mais ampla, o presente trabalho buscou apresentar uma contribuição para as futuras pesquisas sobre Sodré, caracterizando e articulando elementos que identificamos ao longo do roteiro investigativo que realizamos para discutir a realização da *Coleção História Nova*.

Além das periodizações e dos pontos deixados em aberto para as pesquisas futuras, principalmente concentrados no período da década de 1960, ainda resta um vasto campo de investigação sobre a trajetória do autor após este período. Se boa parte dos trabalhos se concentram neste momento de intensa participação e intervenção intelectual, o período entre as

décadas de 1960 e 1990 ainda é um ponto obscuro e pouquíssimo estudado sobre a trajetória do autor. Os embates com a nova geração de intelectuais uspianos da década de 1970, as tomadas de posição e as constantes intervenções realizadas sobre o processo de anistia no final desta década e sobre a “redemocratização” na década de 1980, a participação em periódicos vinculados ao PCB ao longo desta década até o final de sua vida, a denúncia do neoliberalismo e a defesa e apreciação crítica de sua própria obra em seus últimos anos de vida; todos estes pontos ainda oferecem uma massa de documentos e materiais para a investigação particular sobre sua trajetória, mas também sobre os itinerários intelectuais da tradição marxista brasileira ao longo do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, Ivan. Apresentação. In: SODRÉ, Nelson Werneck; ALVES FILHO, Ivan (org.). *Tudo é política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré em textos inéditos em livro e censurados*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

ARIAS, Santiane. *A revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, p. 187, 2003.

BARIANI JUNIOR, Edison. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, UNESP, Araraquara, p. 329, 2008.

CARDOSO, Vanessa Clemente. *A história do ensino de história e a formação da elite intelectual brasileira: uma análise a partir da História Nova do Brasil (1963-1965)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, UFG, Goiânia, p. 362, 2019.

CHAUÍ, Marilena. *Seminários*. São Paulo: Brasiliense, 1983

_____; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

_____. Nelson Werneck Sodré, os militares e a questão democrática: algumas questões e uma problemática. In: _____. CABRAL, Fátima (orgs.). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

_____. Nelson Werneck Sodré e o Clube Militar: militância à esquerda. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

_____; CABRAL, Fátima (orgs.). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

CZAJKA, Rodrigo. “A hora dos intelectuais” Literatura, imprensa e engajamento no Brasil (1964-1967). *Revista ECO-Pós*, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 73-106, fev. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1185/1126>. Acesso em: 30 set. 2017

CZAJKA, Rodrigo. O Comando dos Trabalhadores Intelectuais e a formação das esquerdas culturais na década de 1960. *Temáticas*, Campinas, v. 19, n. 37/38, p. 57-80, jan./dez. 2011. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13671>>. Acesso em: 10 nov. 2019

_____. Livros da subversão: imprensa comunista e a coleção História Nova do Brasil. *Literatura e Autoritarismo*, v. 7, p. 298-312, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115227>>. Acesso em: 30 set. 2017.

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: IEB, 1972.

_____. O tempo das ilusões. In: CHAÚÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREDERICO, Celso. A política cultural dos comunistas. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. v. 3. Campinas: Unicamp, 2007.

GAIO, André Moysés. *Uma teoria da independência: história e revolução em Nelson Werneck Sodré*. Tese (Doutorado em História). São Paulo, PUC/SP, 2000.

GOMES, Angela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

HIPPOLITO, Regina. Enfoques de uma vida militante. In: CUNHA, Paulo Ribeiro da; CABRAL, Fátima (orgs.). *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros & marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

MARTINS, Marco Túlio; ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. Nelson Werneck Sodré: um historiador militar de esquerda no limiar da renovação crítica da geografia. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 12, n. 40, dez/2011, p. 155-165. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16569>> . Acesso em: 20 nov. 2019.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe Lima de. Werneck Sodré, História Nova: contribuição pioneira ao ensino de História no Brasil. In: CUNHA, Paulo Ribeiro da; CABRAL, Fátima. *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011

MORAES, João Quartim de. Nelson Werneck Sodré: a fundamentação marxista do programa nacional-democrático. In: SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.

MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. v. 3. Campinas: Unicamp, 2007

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. *1822 – Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MOTA, Giselda. *Historiografia. Bibliografia. Documentos*. In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822 – Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

MOTTA, Luiz Eduardo Pereira. O ISEB no banco dos réus. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 119-145, ago./dez. 2000.

MUNIZ JUNIOR, João; SILVA, Wilton Carlos Lima da. Virtudes epistêmicas e performance na escrita de si de Nelson Werneck Sodré. *Outros Tempos*, Maranhão, v. 16, n. 28, 2019, p. 26-47. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/690/pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NETTO, José Paulo. *Nelson Werneck Sodré: o general da história e da cultura*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. Prefácio. In: SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

OLIVEIRA FILHO, Virgílio Roma de. *Dualidade e Revolução no pensamento isebiano: as visões de Hélio Jaguaribe e Nelson Werneck Sodré*. Tese de doutorado, UFRRJ, 1999.

PEREIRA, Alexsandro Eugenio. *O ISEB na perspectiva de seu tempo: intelectuais, política e cultura no Brasil – 1952-1964*. Tese (Doutorado em Ciência Política), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, USP, São Paulo, p. 261, 2002.

PEREIRA, Alessandro Eugenio. Organização, estrutura e trajetória do ISEB. In: TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. A crítica e a polêmica em torno do ISEB. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 10-11, p. 259-265, dez. 1998. ISSN 1678-9873. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39293>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PINTO, João Alberto da Costa. Nelson Werneck Sodr e e o projeto da História Nova do Brasil. In: SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodr e na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.

_____. A origem e o sentido político do projeto História Nova do Brasil (1963-1965). In: CUNHA, Paulo Ribeiro da; CABRAL, Fátima (orgs.). *Nelson Werneck Sodr e: entre o sabre e a pena*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011a.

_____. Nacionalismo e História em Nelson Werneck Sodr e (1911-1999). *Revista Espaço Acad mico*, Maringá, v. 10, n. 119, abr. 2011b, p. 151-163. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12992>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Nelson Werneck Sodr e e a história da imprensa no Brasil. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 257-288, jul./dez., 2015.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política brasileira: enterrar os anos 60? In: _____; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 197-212.

_____; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: UNESP, 2010.

RUBIM, Ant nio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. v. 3. Campinas: Unicamp, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio; SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratiza o (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 2007.

SANTOS, Joel Rufino; et. al. *História nova do Brasil (1963-1993)*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993.

SILVA, Marcos (org.). *Dicionário crítico Nelson Werneck Sodr e*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.

SILVA, Ulisses Rubio Urbano da. *A questão nacional no Brasil entre 1954 e 1964: perspectivas de Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico, área de concentração História Econômica), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Unicamp, p. 249, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor: formação*. v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Introdução à revolução brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

_____. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *História da História Nova*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

_____. *O Naturalismo no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

_____. *A luta pela cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____; ALVES FILHO, Ivan (org.). *Tudo é política: 50 anos do pensamento de Nelson Werneck Sodré em textos inéditos em livro e censurados*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. Nacionalismo e ISEB em Nelson Werneck Sodré. In: SILVA, Marcos (org.). *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: EDUSC; São Paulo: FAPESP, 2001.

_____. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.

WEFFORT, Francisco Correa. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Revistas citadas

Revista Estudos Sociais, n. 15, dezembro de 1962, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://marxismo21.org/revistas-de-esquerda/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Fontes documentais

NELSON Werneck Sodré fala sobre as origens do ISEB. *Última Hora*, São Paulo, 17 out. 1963. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1355165/mss1355165.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2020.

RESUMO: O presente trabalho apresenta o primeiro segmento de nossa pesquisa de mestrado intitulada *Nelson Werneck Sodré e a Coleção História Nova: relações intelectuais e brasilidade revolucionária*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR no início do ano de 2020. Trata-se da organização e exposição de grande parte da literatura produzida sobre o itinerário e o projeto intelectual do historiador, crítico literário, militante comunista e militar Nelson Werneck Sodré. O objetivo deste recorte é o de apresentar um conjunto de elementos e aspectos importantes do atual estado das pesquisas sobre este autor identificadas ao longo de nosso estudo sobre a publicação da *Coleção História Nova*, obra coletiva dirigida pelo historiador no âmbito de suas atividades no ISEB entre 1963 e 1964. Dividido em duas partes, inicialmente caracterizamos a forma como o itinerário e a obra de Sodré vem sendo analisados desde a década de 1990 e, num segundo momento, apresentamos brevemente a trajetória do autor para apontar elementos que julgamos relevantes para futuras pesquisas pormenorizadas. Desta forma, propomos uma leitura do caso particular de Sodré para abrir uma série de reflexões mais amplas sobre a formação e os itinerários da intelectualidade marxista no Brasil do século XX, especialmente em relação às lutas e embates político-culturais que marcaram nossa história dos anos 1950 em diante.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré; Intelectuais marxistas brasileiros; Sociologia dos Intelectuais; Revisão de literatura.

ABSTRACT: The present work presents the first segment of our master's research entitled *Nelson Werneck Sodré and the Coleção História Nova: intellectual relations and revolutionary brazilianess*, defended in the Post-Graduate Program in Sociology at UFPR at the beginning of the year 2020. This is the organization and exhibition of much of the literature produced about the itinerary and intellectual project of the historian, literary critic, communist and military Nelson Werneck Sodré. The purpose of this framework is to present a set of elements and important aspects of the current state of research on this author identified throughout our study on the publication of the *Coleção História Nova*, a collective work directed by the historian within the scope of his activities at ISEB between 1963 and 1964. Divided into two parts, we initially characterized the way in which Sodré's itinerary and work has been analyzed since the 1990s and, in a second moment, we briefly present the author's trajectory to point out elements that we consider relevant for future research detailed. In this way, we propose a reading of the particular case of Sodré to open a series of broader reflections on the formation and itineraries of marxist intellectuals in Brazil in the 20th century, especially in relation to the political and cultural struggles and clashes that have marked our history in the years 1950 onwards.

Keywords: Nelson Werneck Sodr ; Brazilian marxist intellectuals; Sociology of Intellectuals; Literature review.